

A representação simbólica do burnout na revista *Exame*: o uso ideológico de conteúdos do imaginário

The symbolic representation of burnout in *Exame* magazine:
the ideological use of contents of the imaginary

La representación simbólica del *burnout* en la revista *Exame*:
la utilización ideológica de los contenidos del imaginario



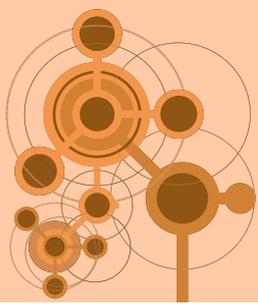
Malena Segura Contrera

- Doutora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (Unip) – São Paulo.
- E-mail: malenacontrera@uol.com.br



Rafael Rodrigues de Souza

- Mestre do Programa de Pós-Graduação da Universidade Paulista (Unip) – São Paulo.
- E-mail: r.rafaelsouza83@gmail.com



Resumo

Este artigo traz uma análise da reportagem sobre a síndrome de burnout publicada pela revista *Exame*, edição 1203, de fevereiro de 2020. Problematiza acerca das escolhas editoriais da matéria sobre o tema, assim como procura entender os alinhamentos ideológicos desta categoria de mídia, analisando seu conteúdo em perspectiva simbólica a partir das teorias do imaginário, conforme Malena Contrera e James Hillman, e com o apoio de autores da área da Sociologia do Trabalho, como Richard Sennett e Dietmar Kamper.

PALAVRAS-CHAVE: BURNOUT • REVISTA *EXAME* • SOFRIMENTO PSÍQUICO • IMAGEM SIMBÓLICA.

Abstract

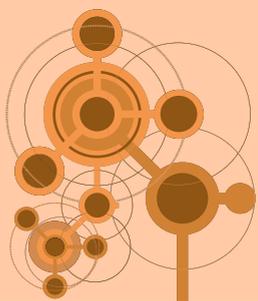
This article brings an analysis of the reportage on burnout syndrome publicized by *Exame* magazine, edition 1203, of February 2020. It problematizes about the editorial choices of the publication and aims to understand the ideological alignment of this category of media, analyzing its content in a symbolical perspective from the imaginary theories, in according to Malena Contrera and James Hillman, with support of scientists of the Work Sociology area, such as, Richard Sennett and Dietmar Kamper.

KEYWORDS: BURNOUT • *EXAME* MAGAZINE • PSYCHOLOGICAL SUFFERING • SYMBOLIC IMAGE.

Resumen

Este artículo trae un análisis del reportaje acerca del síndrome de burnout publicada en la revista *Exame*, edición 1203, de febrero de 2020. Problematiza acerca de las elecciones editoriales de la materia sobre el tema y procura entender los alineamientos ideológicos de esta categoría de medios, analizando su contenido en perspectiva simbólica, a partir de las teorías del imaginario, conforme Malena Contrera y James Hillman y con apoyo de encuestadores del área de la Sociología del Trabajo, como Richard Sennett, y Dietmar Kamper.

PALABRAS CLAVE: BURNOUT • REVISTA *EXAME* • SUFRIMIENTO PSÍQUICO • IMAGEN SIMBÓLICA.



INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de um estudo de caso da revista *Exame*, mais especificamente da análise da matéria de capa publicada na edição 1203, de fevereiro de 2020, e editada por Marina Filipe e Murilo Bomfim (2020), que tem como título “Burnout”¹. Nossa escolha se deu por ser uma matéria cuja abordagem pode ser considerada como representativa da maneira pela qual a mídia impressa brasileira da área de negócios² apresenta o contexto de sofrimento psíquico no trabalho. Cabe mencionar que a *Exame* não é a única revista de negócios e/ou carreira a apresentar as questões emocionais do indivíduo no trabalho, como atesta Souza (2022), ao investigar criticamente reportagens sobre o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho publicadas entre os anos de 2019 e 2020 nas revistas *Exame*, *Você S/A* e *Você RH*. Dado o crescente interesse da mídia impressa e digital de negócios e carreira sobre o tema, parece-nos adequada a incursão investigativa que propomos neste artigo.

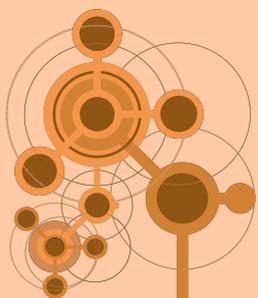
Sobre esta condição emocional, “A legislação brasileira considera o burnout como doença relacionada ao trabalho desde 1999” (Vieira; Russo, 2019, p.2), mas ele já era considerado um evento anormal na saúde pelo menos desde 1960, quando se iniciaram estudos sobre o tema (Jarruche; Mucci, 2021). Contudo, foi na década de 1970 que houve uma categorização mais clara a partir dos estudos do psicanalista Herbert Freudenberger, sendo inicialmente uma doença que se referia especificamente ao esgotamento fisiopsíquico de profissionais de saúde envolvidos com o tratamento de usuários de drogas (Vieira; Russo, 2019). Em perspectiva contemporânea, o burnout partiu de uma condição de esgotamento emocional restrita aos profissionais de ajuda em geral (médicos, psicólogos, bombeiros, professores, assistentes sociais etc.) para, em seguida, ser considerado como a condição de estafa emocional decorrente de uma relação precária do indivíduo com o seu trabalho, efeito de, por exemplo, excesso de horas trabalhadas, assédio, pressão psicológica e outros (Jarruche; Mucci, 2021; Trigo, 2016; Vieira; Russo; 2019).

Neste sentido, consideramos que a discussão acerca do tema proposto é necessária para buscar o entendimento do que as revistas impressas do seguimento de negócios propõem nesse campo ao abordarem o que seria a causa e a “cura” diante de um cenário de esgotamento psicológico. A partir da análise de conteúdo dessas matérias fizemos um levantamento das imagens com as quais revistas, tais como a *Exame*, recorrentemente apresentam à sociedade um entendimento muito específico sobre o burnout.

O problema aqui colocado, e que propomos a análise neste texto, é a busca por aquilo que é revelado pelas escolhas editoriais da revista acerca do tema do burnout em sentido simbólico. Questionamos quais são os alinhamentos ideológicos desta categoria de mídia e analisamos seu conteúdo a partir das teorias do imaginário, segundo autores como Malena Contrera, Norval Baitello Jr. e James Hillman, com o apoio de outras categorias da ciência, como a Sociologia do Trabalho, especialmente os estudos de Dietmar Kamper e Richard Sennett, pois contribuem para o entendimento do fenômeno do burnout em sentido ampliado. Com essa problematização investigamos também se de fato a matéria propicia condições para que o público leitor

1 A palavra *burnout* vem do inglês, da união do verbo *burn* (queimar) e do advérbio *out* (fora ou por fora). *Burnout* seria, portanto, traduzido mais literalmente como “queimar por fora”, porém é mais comumente traduzido como “combustão completa” ou apenas “esgotamento”.

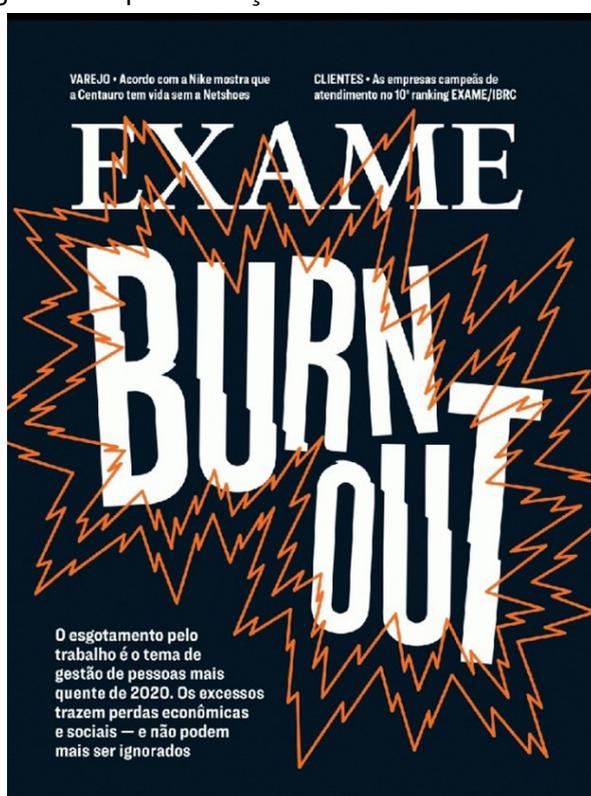
2 Esse ponto foi atentamente observado em outra pesquisa de nossa autoria, a dissertação de mestrado *Sofrimento psíquico nas revistas Exame, Você S/A e Você RH: representação das dimensões simbólicas das dores emocionais no ambiente de trabalho*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Paulista (Unip), no qual grande número de matérias sobre o tema foi analisado, e no livro *Trabalho, sofrimento e autorrealização: uma leitura simbólica e crítica do drama contemporâneo*, publicado pela Eleva Cultural em 2022, de autoria de Rafael Rodrigues de Souza, e escrito a partir de sua dissertação de mestrado combinada com outras pesquisas sobre o tema.



da revista possa criar estratégias para a redução da incidência do burnout no âmbito coletivo, que se traduz na compreensão do campo simbólico da doença, ou se trata o tema a partir de um viés reducionista, aliado aos valores da ideologia capitalista.

Dada a relevância da revista *Exame*³ no mercado midiático de negócios, elegemos para investigação neste artigo o caso da reportagem de capa da edição 1203 (Figura 1). Dessa forma, nosso objetivo é trazer a representação do sofrimento psíquico na mídia impressa brasileira de negócios e carreira no Brasil, identificando quais as imagens simbólicas envolvidas nesse tema, bem como quais são as propostas de solução que ela apresenta para este quadro de sofrimento psíquico, observando ainda como a mídia no Brasil usurpa o lugar de fala de especialistas, além de reduzir a complexidade simbólica da condição a abordagens limitantes.

Figura 1: Capa da edição nº1203 da revista *Exame*

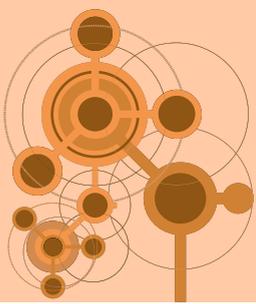


Fonte: *Exame* (2020).

AS IMAGENS SIMBÓLICAS DO BURNOUT NA REVISTA

Faremos agora uma breve análise simbólica das imagens, alertando que não pretendemos fazer uma análise de linguagem fotográfica ou do discurso especificamente, mas sim uma análise da abordagem simbólica utilizada, com a intenção de olhar para os conteúdos do imaginário que irrompem e o viés ideológico com que são ressignificados. No subtítulo da reportagem, descrito no sumário da revista analisada neste artigo (Figura 2), vemos o seguinte texto: “Executivos, funcionários e empreendedores estão sofrendo de burnout. As perdas econômicas e sociais são enormes, mas há soluções” (Filippe; Bomfim, 2020, p.4). A expressão “perdas econômicas e sociais” já de início chama a atenção ao colocar no mesmo parâmetro comparativo algo que diz respeito aos objetivos econômicos das empresas e algo que diz respeito a um campo mais complexo, o sofrimento psíquico, e que não se reduz a uma função produtiva. Por fim, a frase do subtítulo termina

³ *Exame* é veiculada pela Editora Valongo e teve circulação total (impressa e digital) de 65mil exemplares no Brasil na média de abril a outubro de 2020, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), conforme descrito no Media Kit de abril de 2021 da marca *Exame* adquirido diretamente com a editora pelo e-mail: publicidade@exame.com. Atualmente é a maior revista de negócios em circulação do Brasil, uma vez que a *Época* deixou de ser publicada e passou a ser parte integrante do jornal *O Globo*, e a quarta maior em circulação no quadro geral de revistas, conforme levantado em *O Poder 360* (Yahya, 2022).



com “há soluções”, o que gera motivação para pesquisarmos quais as informações ou as soluções práticas propostas que a revista apresenta para o enfrentamento do tema.

Figura 2: Sumário da revista *Exame*, destacando a reportagem de capa



Fonte: *Exame*, ed.1203 (2020).

Como sabemos, o trabalho típico de edição de uma matéria sempre implica um certo grau de subjetividade. Podemos verificar na reportagem analisada que houve uma seleção e montagem de certas entrevistas que visavam apresentar uma imagem de como o burnout afeta a vida de uma pessoa diagnosticada com essa desordem emocional. Um dos entrevistados foi o pesquisador norte-americano Jeffrey Pfeffer (Figura 3), que defende a remodelação do trabalho para a diminuição do sofrimento psíquico dos trabalhadores. Pfeffer é um notável pesquisador no campo das relações laborais, ainda que não seja um especialista em burnout. O autor sugere importantes reflexões em seu livro *Morrendo por um salário* sobre o estresse laboral e indica algumas correlações significativas entre acontecimentos no trabalho, incidência de depressão e ansiedade (Pfeffer, 2019). Entretanto, e este é um aspecto relevante da matéria, a entrevista com Pfeffer sugere que apenas uma remodelação do trabalho seria eficaz para reduzir o burnout, mas não indica ao leitor como ele pode buscar informações acerca de como isso seria possível. Em nenhum momento a matéria demonstra interesse em compreender o burnout fora da superficialidade dos comentários dos entrevistados recortados na matéria. Cremilda Medina (2008) explica que essa é uma estratégia jornalística que almeja gerar uma certa legitimidade cientificista ao discurso. A matéria reforça uma visão pragmática e unilateral do burnout e não dá indicações de como acessar uma visão mais complexa sobre o fenômeno, reforçando uma leitura estereotipada do assunto. Esse uso de estereótipos na comunicação é uma característica central do processo de redução do imaginário, diminuindo a dimensão arquetípica dos fenômenos a uma visão unilateral (Morin, 1997).

Para atingirmos uma compreensão de como a revista apresenta o burnout, é preciso trazer a discussão para o campo do imaginário, do simbólico, e colocá-la num local de investigação relegado pela mídia. Da maneira como a reportagem se desenvolve, dá entender que o burnout é como se fosse um mal que vem do destino, que pode acontecer aleatoriamente, tal como um câncer. O fato é que o burnout é um problema que reduz a produtividade das pessoas, e a redução da produtividade aumenta o prejuízo das empresas, e, portanto, é preciso criar estratégias que responsabilizem as pessoas para que elas evitem entrar em burnout, de forma que elas sejam mais produtivas e menos custosas.

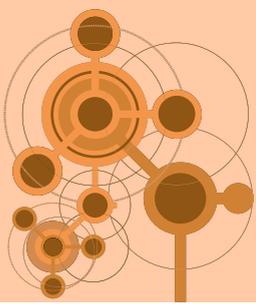


Figura 3: Página com entrevista de Jeffrey Pfeffer na *Exame*



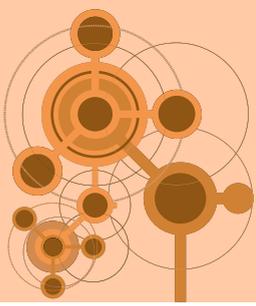
Fonte: *Exame*, ed.1203 (2020).

Posto de outra forma, considerar o que Pfeffer (2019) propõe, que é uma reformulação geral nas organizações de trabalho, parece ser algo distante dos caminhos que se fazem na matéria. Se o objetivo é discutir novos formatos de trabalho, talvez consultar o mencionado autor faça sentido; mas se é discutir o burnout, talvez seja preciso buscar o seu entendimento em sua matriz simbólica, nas condições psicossociais deste humano em burnout, algo a que a reportagem não se refere diretamente.

Já de início a matéria afirma que “Não há um consenso sobre a definição de burnout” (Filippe; Bomfim, 2020, p.22), mas, conforme sugerem as pesquisas referentes ao tema, entendemos que é possível traçar uma linha de compreensão muito clara. A palavra burnout vem do inglês (*burn+ out*) e se refere a esgotamento ou queima/combustão completa. Psicopatologicamente seus sintomas se parecem com os da ansiedade e/ou depressão. Telma Trigo apresenta uma pesquisa no livro *Saúde mental no trabalho: da teoria à prática* e define burnout da seguinte maneira:

O burnout é um processo iniciado com excessivos e prolongados níveis de estresse (tensão) no trabalho. Para o diagnóstico, existem quatro concepções teóricas baseadas na possível etiologia da síndrome: clínica, sociopsicológica, organizacional, sócio-histórica. (Trigo, 2016, p.161)

No decorrer da reportagem, que, lembremos, é bastante representativa das matérias que abordam o tema, são apresentados casos reais de pessoas que enfrentaram o burnout e como cada uma encontrou uma solução pessoal para sair e lidar com a crise (Figura 4) – uma estratégia para dar legitimidade ao que se é apresentado publicamente (Medina, 2008). Podemos, no entanto, questionar qual é o objetivo da reportagem: 1) compartilhar soluções particularizadas que possam ser generalizadas, ou 2) ofertar uma solução que vise alterações estruturais na dinâmica de trabalho? Seja qual for, nenhuma delas é atingida pela matéria, que mostra gráficos e dados de modo a estabelecer relações de comparação (Figura 5 e Figura 6), bem como informações de quais seriam as possíveis soluções encontradas para o problema, tais como: estabelecer canais internos de comunicação, gerar conscientização dos líderes, conseguir apoio de especialistas e ampliar os benefícios relacionados



à saúde. A abordagem da matéria caminha na direção de buscar “consertar” a pessoa que sofre de burnout, na melhor tradição do funcionário que se espera eficiente para a máquina funcional (Flusser, 2002). Abordagens psicossociais passam longe.

Figura 4: Exemplo de pessoa consultada para falar sobre o burnout pessoal



Fonte: *Exame*, ed.1203 (2020).

Figura 5: Exemplo de infográfico que compara os países mais estressados do mundo



Fonte: *Exame*, ed.1203 (2020).

Por meio dos especialistas no tema (Dejours, 2006; Flusser, 2002; Kamper, 1998), sabemos que essas ações são paliativas, e em nenhuma delas constam pressupostos importantes como repensar este modelo de trabalho que mecaniza e adocece o ser humano. Uma saída criativa para enfrentar o problema seria entender o burnout como um sintoma de algo que vai mal, e não criar estratégias que visem sua redução, sem compreender seu contexto socioemocional, político e ideológico. Não é de hoje que vemos como os produtos da mídia servem à criação e perpetuação de visões ideológicas bastante específicas e perversas.

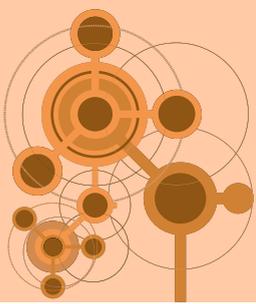
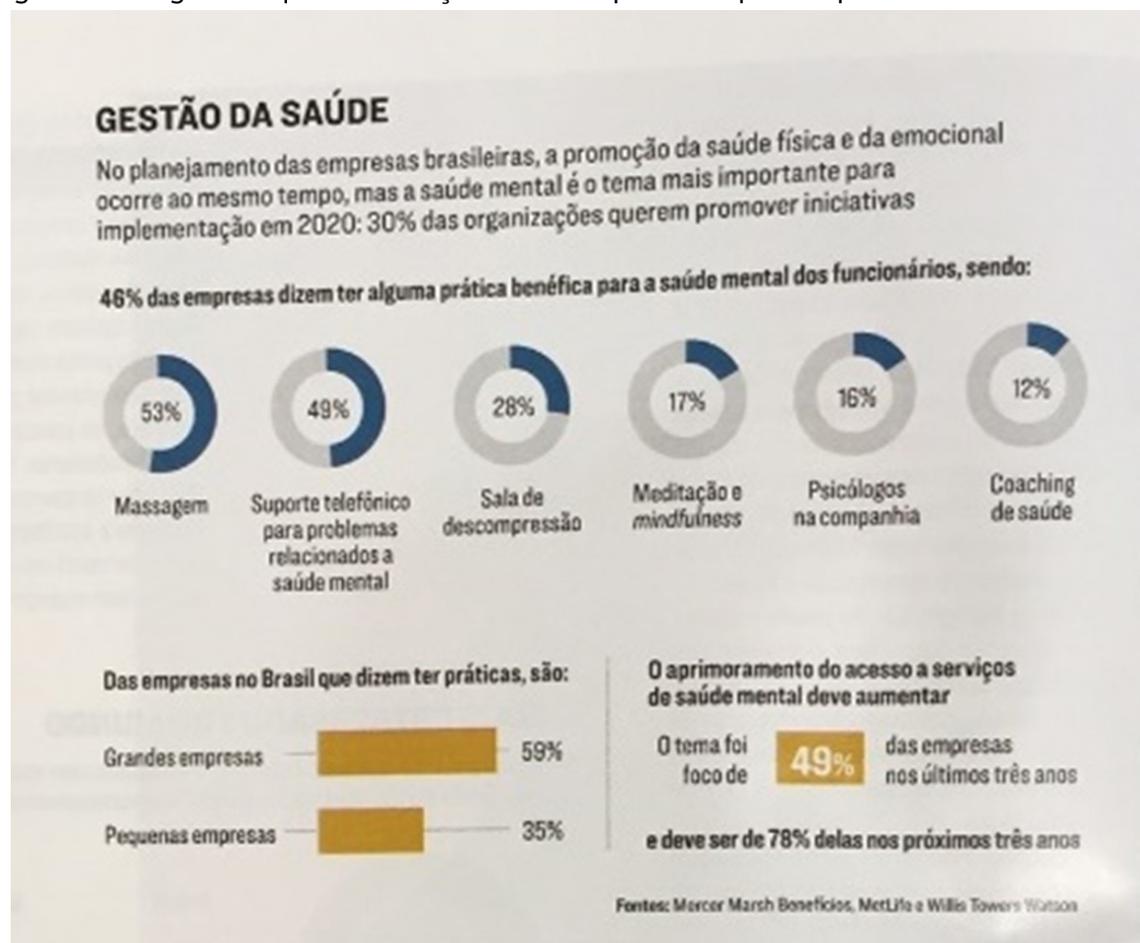


Figura 6: Infográfico que indica ações usadas pelas empresas para combater o burnout



Fonte: *Exame*, ed.1203 (2020).

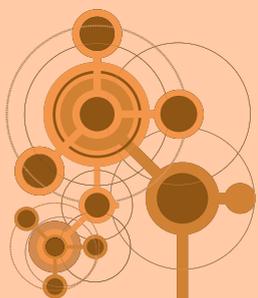
A DIMENSÃO PSICOEMOCIONAL E SOCIAL DO BURNOUT

Algo que é ignorado na reportagem, e que parece ser uma tendência em reportagens desta natureza, é o caráter simbólico do burnout. Waldemar Magaldi Filho (2014), a partir de uma leitura advinda da Psicologia junguiana, propõe que, metaforicamente, os sintomas são manifestações de algo inconsciente na psique humana, individual e coletiva, algo que almeja ser manifestado. Pensar no burnout como um sintoma coletivo, e não como uma doença em si, parece mais adequado do que simplesmente enquadrá-lo numa resposta emocional individual contra a estafa do trabalho.

Dietmar Kamper desdobra a própria etimologia da palavra “trabalho” para revelar as inversões realizadas pelo devir histórico do capitalismo:

Na língua alemã, a palavra que designa trabalho passou por uma evolução muito peculiar. Numa forma mais antiga, essa palavra designava as duras penas, a miséria da vida. Numa etapa posterior da evolução dessa palavra e do seu sentido, trabalho passou a designar o esforço que os homens fazem para superar essas dificuldades, para superar esse esforço do próprio trabalho. Nas sociedades antigas, trabalho era algo de que não se gostava. Tinha uma mácula, era para os escravos. Depois, na Idade Média, era para os artesãos. Só a sociedade burguesa colocou o trabalho num pedestal. (Kamper, 1998, p.12)

Muito embora não possamos atribuir ao trabalho a responsabilidade total pelos índices de estresse aqui apresentados, ele desponta como o fator principal, associado à insegurança econômica. O trabalho tem uma raiz questionável em termos de salubridade e o burnout não pode ser considerado uma consequência inesperada, já que ele é uma reação humana a algo no trabalho que é emocional e corporalmente repulsivo. Apesar disso, a descrição do burnout feita pela revista é aquela



comumente conhecida, bastante incompleta, sustentada por dois eixos: 1) de que é uma doença causada pelo excesso de trabalho; e 2) de que é preciso combatê-la para que o indivíduo permaneça produtivo (sem prejuízos para as empresas).

Esse movimento de tornar o indivíduo uma espécie de aparelho funcional para o trabalho é uma estratégia ideológica bem identificada por Flusser (2002). Neste sentido são cabíveis as ideias de “esgotamento” ou “queima completa” que são evocadas pela palavra burnout, pois neste viés o ser humano perde seu espaço existencial, psíquico, e torna-se apenas um “funcionário”, isto é, um mecanismo dentro de um aparelho que tem como objetivo central ser funcional para a lógica dos ganhos financeiros do capital. Na reportagem da revista *Exame* o exemplo que abre o texto da matéria é o filme de Charles Chaplin, *Tempos modernos*, de 1936. No enredo do filme, o personagem principal, vivido por Chaplin, é internado em um hospital por estafa laboral. Mais de 80 anos depois ainda se discute isso, apenas o nome é novo: burnout.

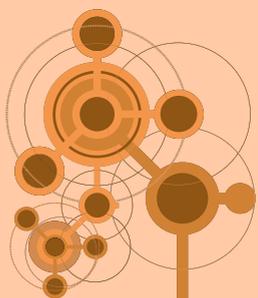
O ponto que faz o burnout ter um diagnóstico diferencial é o fato de a enfermidade mental ser associada ao trabalho (Trigo, 2016), mas é possível considerar que cada burnout tem um conteúdo psíquico individual a ser expresso. Portanto, caracterizá-lo genericamente inviabiliza a consciência de que parte da solução seria também considerá-lo em sua perspectiva individual. Segundo os pesquisadores Silva, Oliveira e Baldissera (2021, p.8), esta noção de entendimento do sujeito individual “parece possibilitar que compreendamos os sujeitos a partir de suas individualidades, sem perder de vista as diferentes formas que encontram para construir novas histórias e dar significado às relações estabelecidas na organização”.

Por este viés, é compreensível que a revista busque exemplificar casos reais, de forma a dar opções ao leitor que passa por situação semelhante de um caminho possível para melhorar seu estado emocional. O problema é que todos os caminhos ao final apontam quase exclusivamente para um resgate da produtividade. Essa abordagem que não chega a considerar o quadro individual de forma complexa, no entanto, mascara muito bem a dimensão social do burnout, invisibilizando o contexto social e ideológico que envolve a relação entre trabalho e sofrimento. Segundo Souza (2022), que investiga a veiculação de reportagens sobre o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho abordado nas mídias de negócios e carreira à luz do imaginário, o burnout e outras doenças afins tendem a uma certa perenização caso não se compreenda a causa raiz de sua dimensão psicossocial e simbólica, diferentemente de querer solucionar o problema atacando seus sintomas mais superficiais, que é o observado na reportagem da *Exame*.

BURNOUT: UM SINTOMA DOS VALORES DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Esta estratégia utilizada pela linha editorial da matéria de isolar o problema e de atribuir a responsabilidade exclusivamente ao indivíduo é bastante conhecida de toda a cultura de massas do século XX (Morin, 1997), a serviço da sociedade do consumo (Baudrillard, 2009). Sabemos que, caso se queira adentrar na quintessência do burnout, é preciso considerá-lo como um sintoma social que aponta a crescente disfuncionalidade das formas de trabalho da sociedade capitalista e que não é possível falar sobre o trabalho como fator de adoecimento humano sem procedermos a uma extensa reflexão sobre economia e política. No entanto, essa abordagem específica não nos compete agora. Aqui pretendemos entender como a matéria trata simbolicamente do tema.

Contrera (2015) ressalta a importância do resgate do pensamento simbólico na contemporaneidade. Este deve ser feito por meio de um abandono dos padrões vigentes, como relata Kast (2017), que significa a renúncia de padrões insalubres radicalmente estabelecidos. Christophe Dejours (2006) defende que o trabalho também pode ser um espaço para a autorrealização e a promoção de saúde, mas se, desde 1936, Chaplin denunciou o oposto, não resta outra alternativa senão dar permissão para que o abandono desse *modus operandi* do trabalho, que é patologizante, ocorra. Essa atitude já pode ser percebida nas novas



gerações, que buscam estilos de vida alternativos a essa vida para o trabalho, a maioria ainda sem encontrar possibilidades viáveis de sustentabilidade (Carvalho, 2020).

A queima (*burn*) ou o esgotamento de uma coisa (que no burnout é o próprio ser humano) é o reflexo de um modelo de trabalho que se identifica no sofrimento individual, nas pessoas que sofrem de patologias individuais, mas que é expressão de uma coletividade doente. Não é de hoje que há uma igualdade de termos que são utilizados para qualificar pessoas e/ou estados econômicos, como descreve Hillman:

Os termos 'colapso', 'desordem funcional', 'estagnação', 'baixa produtividade' e 'depressão' são igualmente válidos para os seres humanos, para os sistemas públicos objetivos e para as coisas dentro dos sistemas. A crise se estende a todos os componentes da vida urbana [...]. (Hillman, 1993, p.12)

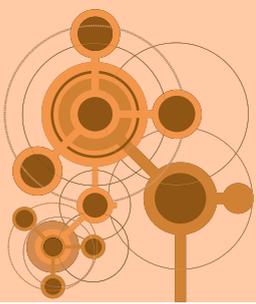
Nesta perspectiva, o burnout seria um colapso da complexidade psicossomática humana, uma tentativa psicológica de que o indivíduo se conscientize de sua humanidade por meio da concretização de uma experiência que é, *a priori*, psíquica e cultural. O "esgotamento" ou a "queima" que exige a existência de algo concreto, um reservatório que se esgota ou um combustível que é queimado, transmite ao sujeito essa sensação no corpo. Baitello Jr. ajuda a compreender esta noção de corpo sensitivo que experimenta a falta de algo: "A falta é um sentimento corporal. Quando nos falta alguma coisa, é nosso corpo o primeiro a registrar essa falta" (Baitello Jr., 2012, p.105).

A reportagem, publicada em fevereiro de 2020, destaca a alta incidência do burnout no Brasil, que sincronicamente, teve entre 2019 e 2020 um dos maiores focos de incêndio da história no Pantanal e na Amazônia. O mesmo indivíduo que "queima completamente" sem se rebelar é aquele que sente indiretamente o seu ambiente, social e ecológico, queimar, apenas como um telespectador. Por isso, não se trata de pensar o burnout como expressão de um quadro individual, e sim como uma expressão social de adoecimento. Contudo, em nenhum momento a matéria da *Exame* empreende esta investigação de cenário numa estrutura sociológica, que exigiria, conseqüentemente, uma compreensão simbólica.

O subtítulo da reportagem traz a expressão "perdas econômicas e sociais". O que seria esse "sociais"? Seria no sentido de perdas do indivíduo no campo do relacionamento interpessoal? Seria a ausência de sentido da vida que o burnout, em alguns casos, impõe a quem o tem? Ou simplesmente seria um eufemismo para se referir à perda de utilidade laboral? Nos exemplos de pessoas reais, apresentados como estímulos para que outras pessoas cuidem de seus respectivos "burnouts", parece ser de importância central explicar como quem passou por isso voltou a ter produtividade, mas sem qualquer interesse em explorar o sentido simbólico do fracasso pessoal que o burnout pode transmitir a quem o vive. Sennett argumenta o seguinte:

Aceitar o fracasso, dar-lhe uma forma e lugar na história de nossa vida, pode ser uma obsessão interior nossa, mas raras vezes a discutimos com os outros. Em vez disso, buscamos a segurança dos clichês; é o que fazem os defensores dos pobres quando buscam desviar o lamento 'Fracassei' com a resposta supostamente curativa 'Não, não fracassou; você é uma vítima'. Como acontece com qualquer coisa da qual tememos falar abertamente, a obsessão interior e a vergonha só por isso se tornam maiores. Sem tratamento fica a bruta frase interior: 'Eu não sou bom o bastante'. (Sennett, 2010, p.141)

Adicionalmente, admitir que algumas empresas estão colaborando para a perenidade dessas doenças seria no mínimo uma autocrítica necessária, um princípio ético que poderia ser respeitado caso as matérias jornalísticas não fossem tão superficiais e tendenciosas. Assim como Sennett (2015) resgata a importância de o indivíduo "dar um tempo", de repensar sua vida diante de um fracasso, o mesmo poderia ser atribuído às empresas: se o trabalho tem virado constantemente razão para o adoecimento das pessoas, é porque em algum lugar se está fracassando, mas não no sentido da produtividade, e sim no propósito das relações com o trabalho em si.



Dietmar Kamper (1998) já havia alertado, a partir do diálogo com Max Weber (2004), que no capitalismo o trabalho se transformou em uma das principais ferramentas de tortura do corpo e de amortecimento das consciências:

Theodor Adorno, [...] sempre citava [...] 'a vida não vive'. Essa frase, 'a vida não vive', seria uma resposta a essa sensação de estupefação, de confusão, de desorientação que toma conta das pessoas quando elas notam que o trabalho está se expandindo cada vez mais e que isso acaba interferindo nas relações sociais, que perdem as medidas e os padrões tradicionais e ainda não conquistam de imediato padrões e orientações novas. (Kamper, 1998, p.31-32)

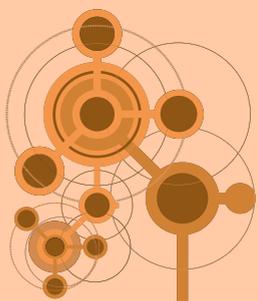
Tecer considerações num campo que se distancia da lógica cartesiana ou pragmática parece não ter espaço em publicações desta natureza na mídia impressa especializada em negócios, afinal, isto provavelmente não sensibilizaria o público-alvo, que é quem retroalimenta o padrão destrutivo estabelecido. Acaba sendo mais fácil procurar culpados: ou é o indivíduo que culpa a empresa pela pressão exercida, ou é a empresa que culpa o indivíduo pela incapacidade de aguentar a pressão.

Toda a gama de adoecimento psíquico relacionado ao trabalho, e não apenas o burnout, deveria ser investigado à luz da complexidade humana, que envolve comunicação, psicologia, sociologia, antropologia, política, imaginário e afins. Não recomendamos que se reduza esta compreensão a uma abordagem pragmática que é necessariamente impossível, e que só convém à manutenção do modelo de negócios estabelecido.

A reportagem da *Exame* fala de estratégias de identificação precoce do burnout e de estudos desenvolvidos nos Estados Unidos que envolvem inteligência artificial (IA). Em outras palavras, são mais elementos concretos que em essência não têm nada de inovador na questão do entendimento simbólico desta expressão de sofrimento psíquico, mas que indiretamente reforçam a ameaça: "se você não der conta, a IA dará e você se tornará cada vez mais substituível e obsoleto". As organizações querem sucesso econômico e isso revela a absoluta ausência de ética, por meio de ações que são pouco ou nada admiráveis, o que não nos causa estranhamento quando vemos a que interesses elas respondem. O que deveria nos causar indignação é a maneira como o discurso jornalístico se alinha tranquilamente aos interesses dessas organizações. É como se as empresas fossem preponderantemente boas e as pessoas que não conseguem lidar com as agruras infligidas pelo trabalho, fracas e fracassadas. Como destaca Contrera (2015), diante dessa ação diabólica disjuntiva e simplista, apenas o simbólico tem potência, unindo a partir de uma abordagem que não nega os pares de opostos que compõem a totalidade humana. Essa complexidade fica claramente comprometida nas formas de trabalho das sociedades capitalistas.

Se quisermos abordar honestamente o burnout na perspectiva individual, o fator psicológico-simbólico, segundo Jung (1999), seria de fundamental importância para compreender essa repetição da estafa laboral, que vem pelo menos desde os *Tempos modernos*, de Chaplin, até os dias atuais. Não se pode ignorar que os veículos de comunicação vêm sendo instrumentos de alienação, reiterando apenas os valores empresariais e traindo seu compromisso ético com a população. O burnout pode ser, ao mesmo tempo, uma identificação do indivíduo com a doença do mundo (Hillman, 1993), a última barreira de defesa que ele tem para romper esta identificação inconsciente e buscar o autoconhecimento pelo caminho do simbólico, bem como buscar transformar suas condições sociais de vida.

Do ponto de vista do indivíduo, o trabalho tem um caráter de aperfeiçoamento do homem (Kamper, 1998), mas adquiriu com o tempo um aspecto perverso, como se sua performance profissional se transformasse no objetivo máximo da existência humana, perseguindo uma produtividade desumanizante. Sofrer as agruras do burnout é conscientizar-se de que essa "perfeição maquinica" é impossível e não deveria sequer ser desejável. De maneira oposta, dar-se conta da importância da manifestação desses sintomas na consciência como manifestações do inconsciente é caminhar para o reconhecimento da própria humanidade. Essa relação torna possível vermos as aproximações entre a ideia de sucesso, felicidade e performance profissional já trazida antes por alguns autores (Freire Filho, 2010).

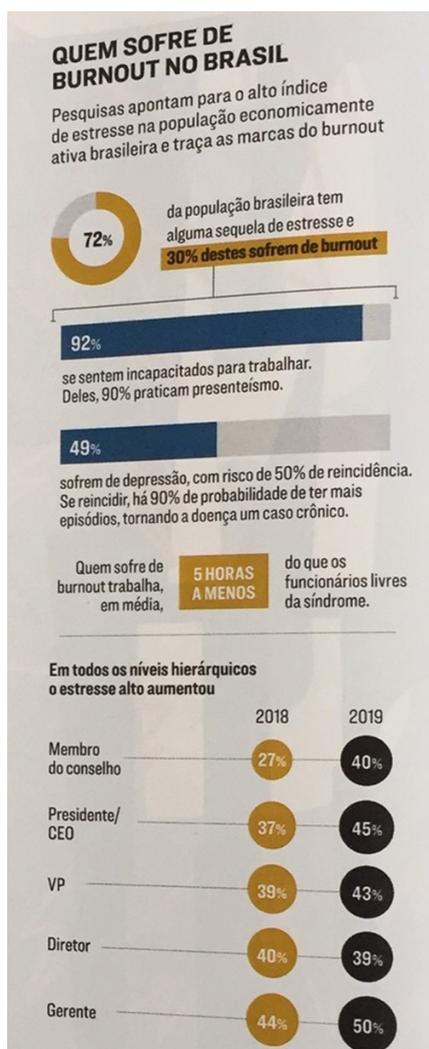


Na condição de veículo de mídia, a reportagem da *Exame* parece retroalimentar valores e comportamentos em seu público leitor, sem propor aspectos que fujam às obviedades e ao senso comum. É esse o padrão de comportamento social presumido pelo discurso midiático? De que maneira esse cenário influi na visão que os leitores constroem de si mesmos acerca do burnout? Ao romper com o óbvio, reportagens dessa natureza poderiam influenciar positivamente mudança de padrões insalubres, simples confirmações dos valores ideológicos dos agentes econômicos envolvidos.

Esse mesmo ser humano que se contagia de maneira não intencional pelo burnout do mundo também pode ser o que está aberto a novas formas de compreensão desse burnout, assumindo, portanto, sua responsabilidade paradoxal de autor e vítima social dessa condição.

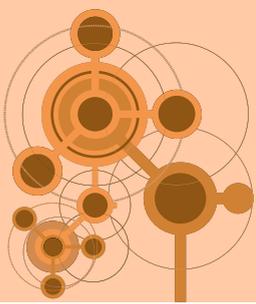
A reportagem da *Exame* compara o índice de burnout em cargos de liderança (Figura 7) e como este vem crescendo nestas posições hierárquicas. Os líderes representam, sob alguns aspectos, a reputação pública da empresa, e não parece insensato dizer que a mídia impressa poderia assumir seu papel ético – tal como o esperado de um líder – como campo comum de compartilhamento de informações, oferecendo aos indivíduos uma abordagem que favorece um aprofundamento acerca destas questões, visando à ampliação de consciência, ainda que isso implique expor situações não necessariamente favoráveis às empresas. Ao aliar-se ao discurso institucional, a imprensa exerce efetivamente um papel mais publicitário do que jornalístico.

Figura 7: Comparação dos índices de estresse no trabalho no Brasil e entre cargos de liderança



Fonte: *Exame*, ed.1203 (2020).

É confortável assumir o discurso de que cada pessoa deve tomar consciência por si mesma, isentando empresas e a imprensa do papel social e da posição ideológica que deveriam assumir. Pior, aquilo que é apresentado como solução nas reportagens, ainda que cercado de pseudoconselhos que visam ao bem-estar do indivíduo, não passam de mera ilusão, que, do ponto de vista psicológico, apenas mascaram os sintomas (Kast, 2016).



Controlar e combater o burnout, assim como comunicar sua dinâmica com uma perspectiva apenas funcional e operacional, continuará cegando as pessoas para aquilo que é mais complexo e que tem maior impacto, ou seja, as questões subjacentes às relações de trabalho contemporâneas, que passam por disputas sociais e econômicas, e às escolhas ideológicas. Ao escolher essa abordagem equivocada do ponto de vista social, a revista certamente não se equivoca acerca da posição que assume: a defesa dos valores e dos interesses empresariais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da matéria analisada identificamos que o foco está nas implicações econômicas que o burnout dos funcionários causa às empresas, calando-se acerca da importância do sentido do trabalho para a vida humana. Sobre esta questão, Pfeffer sugere em um de seus textos (não evocados pela matéria) uma reflexão profunda sobre as relações de trabalho contemporâneas:

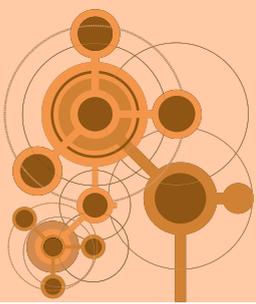
Muitas vezes os líderes organizacionais terão que tomar uma decisão similar – quanta prioridade dar à saúde, vida e bem-estar das pessoas ou ao 'dinheiro', à medida que decidem sobre as práticas trabalhistas e o ambiente profissional. Eu gostaria de pensar que a importância e a santidade da vida e do bem-estar humano vencerão. Mas acompanho as notícias e firmas como a 3G Capital, empresa de investimentos bastante respeitada, demitiu dez mil pessoas, um quinto da força de trabalho da Kraft e da Heinz, após a aquisição da Kraft pela Heinz – e recebeu aplausos em vez de críticas severas da comunidade de investimentos. (Pfeffer, 2019, p.218)

Adicionalmente, a importância dada à manutenção da produtividade como fator central no enfrentamento do burnout apontada na matéria evidencia a prevalência de uma visão de homem que o reduz a mero funcionário de uma máquina, como Kamper (1998) e Flusser (2002) destacam em seus trabalhos. Isso é exatamente o que cria uma condição propícia ao adoecimento dos trabalhadores. Se a matéria tem como intenção divulgar possíveis formas de reduzir ou tratar o burnout, é questionável do ponto de vista social e simbólico se isso é alcançado na reportagem, uma vez que seu conteúdo não surpreende, apenas retroalimenta um padrão, sem uma propositura, ainda que embrionária, da mudança de um modelo aí instalado.

O que objetivamos com este artigo foi tanto contribuir para um debate mais profundo acerca do que é divulgado na mídia impressa (replicado na digital) sobre o sofrimento psíquico, abrindo espaço para novas pesquisas, quanto propor uma revisão crítica sobre a postura ética que os veículos impressos especializados em negócios têm assumido acerca do sofrimento psíquico, analisando se este é de fato inovador e propositivo, ou se só serve como pretexto para expor um tema que interessa ao público (e por isso vende), mas sem se comprometer minimamente com a responsabilidade jornalística de diversidade e acolhimento da complexidade que um tema tão relevante exige – tema que, antes de pertencer à esfera do trabalho, pertence à esfera dos valores humanos.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO JR., Norval. *O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeira e imagens*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.
- BAUDRILLARD, Jean. *La sociedad de consumo: sus mitos, sus estructuras*. Madrid: Siglo XXI, 2009.
- CARVALHAL, André. *Como salvar o futuro: ações para o presente*. São Paulo: Paralela, 2020.
- CONTRERA, Malena Segura. A imagem simbólica na contemporaneidade. *Intexto*, Porto Alegre, n.34, p.456-466, 2015. doi:<http://doi.org/10.19132/1807-8583201534.456-466>.



DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FILIPPE, Marina; BOMFIM, Murilo. Precisamos falar do burnout. *Exame*, São Paulo, ano54, n.3, ed.1203, p.18-29, 2020.

FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, 2002.

FREIRE FILHO, João (org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

HILLMAN, James. *Cidade & alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JARRUCHE, Layla Thamm; MUCCI, Samantha. Síndrome de *burnout* em profissionais da saúde: revisão integrativa. *Revista Bioética*, Brasília, DF, v.29, n.1, p.162-173, 2021. doi:<http://doi.org/10.1590/1983-80422021291456>.

JUNG, Carl Gustav. *Presente e futuro*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

KAMPER, Dietmar. *O trabalho como vida*. 2.ed. São Paulo: Annablume, 1998.

KAST, Verena. *A alma precisa de tempo*. Petrópolis: Vozes, 2016.

KAST, Verena. *Sísifo: vida, morte e renascimento através do arquétipo da repetição infinita*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

MAGALDI FILHO, Waldemar. *Dinheiro, saúde e sagrado: interfaces culturais, econômicas e religiosas à luz da psicologia analítica*. 2.ed. São Paulo: Eleva Cultural, 2014.

MEDINA, Cremilda. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PFEFFER, Jeffrey. *Morrendo por um salário: como as práticas modernas de gerenciamento prejudicam a saúde dos trabalhadores e o desempenho da empresa – e o que podemos fazer a respeito*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

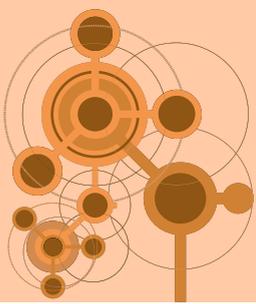
SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 15.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SENNETT, Richard. *O artífice*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, Cássia Aparecida Lopes da; OLIVEIRA, Mônica Carvalho de; BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional e empregados: entre a participação manipulatória e a humanização. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v.24, p.1-20, 2021. doi:<https://doi.org/10.5216/ci.v24.62552>.

SOUZA, Rafael Rodrigues de. *Trabalho, sofrimento e autorrealização: uma leitura simbólica e crítica do drama contemporâneo*. São Paulo: Eleva Cultural, 2022.

TRIGO, Telma Ramos. Síndrome de burnout ou esgotamento profissional: como identificar e avaliar. In: GLINA, Débora Miriam Raab; ROCHA, Lys Esther (org.). *Saúde mental no trabalho: da teoria à prática*. São Paulo: Roca, 2016. p.160-171.



VIEIRA, Isabela; RUSSO, Jane Araujo. *Burnout* e estresse: entre medicalização e psicologização. *Physis: revista de saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.29, n.2, e290206, 2019. doi:<http://doi.org/10.1590/S0103-73312019290206>.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

YAHYA, Hanna. Revistas em 2021: impresso cai 28%; digital retrai 21%. *Poder 360*, Brasília, DF, 21 mar. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/revistas-em-2021-impresso-cai-28-digital-retrai-21/>. Acesso em: 14 set. 2022.

Artigo recebido em 29/1/2022 e aprovado em 21/9/2022.